UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

VITOR FERREIRA ARAUJO

PARKOUR NA CIDADE DE VITÓRIA: HISTÓRIA E DESDOBRAMENTOS DA PRÁTICA

VITÓRIA

2021

Vitor Ferreira Araujo

PARKOUR NA CIDADE DE VITÓRIA: HISTÓRIA E DESDOBRAMENTOS DA PRÁTICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Educação Física. Orientadora: Profª. Drª. Paula Cristina da Costa Silva

VITÓRIA

2021

VITOR FERREIRA ARAUJO

PARKOUR NA CIDADE DE VITÓRIA: HISTÓRIA E DESDOBRAMENTOS DA PRÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Educação Física - Bacharelado, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 13 de maio de 2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Paula Cristina da Costa Silva

Profa. Dra. Fernanda Simone Lopes Paiva

Franciny dos Santos Dias.

Profa. Ma. Franciny dos Santos Dias

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário - Goiabeiras
Vitória/ES
Cep. 29075-910

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA

O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por FERNANDA SIMONE LOPES DE PAIVA - SIAPE 426631

Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 20/05/2021 às 08:50
Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/193653?tipoArquivo=O

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA

O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por PAULA CRISTINA DA COSTA SILVA - SIAPE 1680855
Departamento de Ginástica - DG/CEFD
Em 20/05/2021 às 11:16
Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/193831?tipoArquivo=O

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e possibilidade de estudar em uma Universidade Federal.

Agradeço ao Marcelo Monteiro por ter contribuído neste trabalho, ter agregado parte do seu conhecimento e me dado a oportunidade de trabalhar com ele.

A Professora Paula Cristina por ter me orientado e aberto as portas do Labgin para ministrar aulas de Parkour.

A banca de Professoras Fernanda Paiva e Franciny Dias pela contribuição.

As pessoas que me proporcionaram ir para escola de Ollerup na Dinamarca e viver uma experiencia única. Agradeço minha mãe e minha tia Teka por me ajudar financeiramente, ao Professor Mauricio por ter feito minha carta de recomendação e me ensinado ginastica, a Professora Paula por ter me ajudado a conseguir a bolsa, a todos os professores de Ollerup que me deram conhecimento e sabedoria para fazer boas escolhas.

Agradeço a minha família, minha mãe que amo e que sempre me ajudou, minha tia Teka que faz comida boa, a minha vó que faz o café da tarde diário e meu irmão, que agora é pai, pelos bons momentos.

Agradeço ao meu falecido Pai por ter me dado a vida e educação.

Aos meus professores de Artes Marciais pela experiencia adquirida nos tatames e que vou levar para a vida toda.

A minha namorada Maria Luiza por sempre estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Aos projetos de extensão e pesquisa, que me proporcionaram um leque maior de possibilidades dentro da Educação Física.

Agradeço a todos os lugares que pude estagiar e que me agregaram algo de bom.

Aos meus amigos Eliezer, Vitor, Jean e todos os outros da Ufes que sempre foram uma parceria forte.

Ao Parkour por ter me dado coragem para reagir e salvar minha vida algumas vezes.

RESUMO

O Parkour é uma prática corporal que cada vez mais vem ganhando espaço no Brasil e, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, não poderia ser diferente. Marcado pelas relações entre o urbano e o movimento corporal essa prática apresenta forte relação entre seus praticantes e a cidade. Assim, o objetivo desse estudo foi investigar a história do surgimento e desenvolvimento da prática do Parkour em Vitória/ES buscando relatar como ocorreu seu surgimento, compreender sua disseminação ao longo dos últimos anos e analisar quais foram os desdobramentos de sua prática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória. Utilizou-se para a coleta de dados uma entrevista estruturada e foi escolhido um praticante de Parkour com reconhecido envolvimento com essa prática corporal em Vitória/ES para respondê-la. Após a entrevista, foi realizada a sua transcrição e cotejamento com documentos que tratam do Parkour e seu desenvolvimento específico na cidade escolhida para a pesquisa. A partir dos resultados obtidos estabeleceu-se categorias que tratavam da história do Parkour em Vitória/ES, os aspectos pedagógicos de seu ensino-aprendizado e o perfil de seus praticantes. Essas categorias compuseram a parte descritiva da investigação. Como resultado foi possível constatar que o Parkour surgiu em Vitória/ES em 2004 sob forte influência midiática. Seus participantes são na maioria jovens e seu desenvolvimento ocorreu baseando-se na divulgação empírica entre os grupos de praticantes como forma de lazer e confraternização. Por fim, aponta-se a necessidade de desenvolvimento de mais estudos que relacionem essa prática corporal no âmbito da Educação Física a fim de preparar futuros professores para atuarem melhor na área.

Palavras-chave: Parkour; Educação Física; Prática Corporal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - David Belle em cena do filme B13 -13º Distrito 17
Figura 2 - Escadarias do Palácio Anchieta (Centro de Vitória)..... 18
Figura 3 - Traceur em evento do Urban Parkour (Enseada do Suá) 18
Figura 4 - Traceur em evento do Urban Parkour (Ufes) 19
Figura 5 - Georges Hébert..... 22
Figura 6 - Treino militar (percurso dos combatentes na cidade) 23
Figura 7 - Raymond Belle..... 24

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** 10
2. **METODOLOGIA** 14
3. **O PARKOUR E A CIDADE DE VITÓRIA** 16
4. **A SISTEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA DO PARKOUR EM VITÓRIA/ES** ... 21
5. **PRATICANTES DE PARKOUR EM VITÓRIA/ES** 30
6. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 33
7. **REFERÊNCIAS** 34

1. INTRODUÇÃO

O ser humano sempre foi desafiado a se mover pelo ambiente utilizando técnicas corporais a fim de superar barreiras físicas e alcançar novos limites corporais. Práticas como a *Escalada*[1], *Slackline*[2], *Arvorismo*[3] e o próprio Parkour desafiam o ser humano a se reinventar em diferentes ambientes, agregando novas formas e sentidos de deslocamento corporal no espaço.

O Parkour também conhecido popularmente pela sigla PK, significa percurso, em francês. Segundo (PERRIÈRE; BELLE 2014) afirmam que o fundador da prática, David Belle, define o Parkour como uma modalidade esportiva, que pode ser entendida como a "arte do movimento'', onde o praticante realiza percursos no espaço utilizando apenas o corpo para enfrentar obstáculos físicos que estão ao seu entorno. Segundo David Belle

> O Parkour é um método de treinamento que nos permite ultrapassar obstáculos, tanto em meio urbano como natural. É uma arma camuflada. Treinamos para quando encontrarmos um problema, sermos capazes de enfrentá-lo. Pode ser a arte de voar, perseguir, ajudar alguém com dificuldade ou algo comum (ROCHA, 2009).

Os praticantes de Parkour, conhecidos como traceur[4] usam esse método de treinamento em estruturas como muros, escadas, árvores e outros obstáculos físicos. Corridas, saltos e rolamentos são alguns dos movimentos que o traceur realiza para ultrapassar esses obstáculos, que estão a sua volta, de forma segura e eficiente (PERRIÈRE; BELLE, 2014).

Ao revisitar a origem do Parkour nota-se que ele teve influências do Método Natural, que será referido no decorrer do texto como "MN". Esse, por sua vez, foi um método de treinamento militar proposto por Georges Hébert.

---

[1] A escalada é praticada em diversos tipos de ambientes, incluindo: pequenos blocos rochosos (boulders), paredões rochosos, falésias, alta montanha etc. Podendo ser realizada em propriedades privadas ou públicas (BRADFORD, 2016, p. 16).

[2] O Slackline caracteriza-se como uma modalidade esportiva de equilíbrio praticada de diversas formas, como: em grandes alturas, sobre a água, com manobras e é realizada sobre uma fita de nylon flexível. O objetivo dos praticantes é atravessar a fita de um ponto ao outro mantendo o equilíbrio (PEREIRA, 2013).

[3] Locomoção por percursos em altura instalados em árvores ou em outras estruturas (ABETA, 2021).

[4] São conhecidos como tracer/traceur, o praticante do sexo masculino e traceuse do sexo feminino, que significa traçar ou ir rápido. É uma designação para as pessoas que praticam Parkour (BARROS, 2014).

Segundo Jubé (2019) o MN se utilizava de um grupo de 10 movimentos utilitários para serem aplicados no meio natural e em situações da vida comum, juntamente com as bases cientificas da Educação Física.

Um francês chamado Raymond Belle lutou na guerra da Indochina e foi influenciado pelo MN. Durante anos em combate, Raymond adquiriu conhecimentos de técnicas de deslocamento na selva e transmitiu suas habilidades técnicas e valores aprendidos através do MN para seu filho David Belle.

De acordo com Perrière; Belle (2014), na década 1980, a modalidade, praticada inicialmente na França, não tinha um nome ainda. Somente na década de 1990 o nome *Art Du Déplacement* (arte do deslocamento) foi idealizado pelo primeiro grupo de *traceurs* que se chamava *Yamakasi*[5]. Anos depois, o nome Parkour foi disseminado através de mídias visuais (YouTube, filmes e reportagens televisivas), e, principalmente, por David Belle que começou a aparecer em entrevistas para explicar essa nova forma de explorar a arquitetura urbanística.

As mídias audiovisuais fomentaram o Parkour em locais proibidos como prédios particulares, casas abandonadas, locais em construção etc. Vídeos que muitas vezes apresentavam as capacidades físicas levadas ao extremo, com praticantes realizando saltos de um prédio para o outro ou se pendurando em pontes. Esses tipos de abordagens que a prática apresentava, acabava por transmitir a ideia de emoção, reconhecimento social e adrenalina. Esses conteúdos midiáticos incitaram novos praticantes a reproduzirem os mesmos movimentos em condições ambientais semelhantes, porém, muitos deles não tinham a mesma base de preparação física e mental do ponto de vista reflexivo para realizar tais façanhas.

Algumas pessoas vivem do ensino do Parkour, e, entender como está sendo transmitida essa prática pode dar uma dimensão de como ela vem se modificando durante os anos, incluindo seus valores e relações com o meio onde é praticada. O desalinhamento dos valores concebidos inicialmente por

[5] Yamakasi é uma palavra de origem Lingala que significa ‘Homem Forte, Espírito Forte’. Esse nome foi atribuído ao primeiro grupo de Parkour (LIMA, 2015?).

Belle tem dificultado o entendimento do que a modalidade tem se tornado de fato, com isso, a prática tem tomado novos sentidos e raízes de interpretação entre os praticantes novos. De acordo com David Belle

> O problema é que simplesmente não é possível impedir que as pessoas tenham sua própria interpretação. Acho que existem pessoas inteligentes que olham para o Parkour e o entendem (FREERUN, 2020).

A partir do momento que o Parkour começa a ser difundido por documentários, filmes, eventos e jogos de vídeo games, ele toma proporções mundiais. Academias especializadas começam a desenvolver seus métodos de ensino, onde algumas fomentam competições. Assim, com maior visibilidade e com sua federalização, via Federação Internacional de Ginastica (FIG), surgiram diferentes formas de ensino e desenvolvimento da prática valorizando a competição em detrimento dos valores iniciais desenvolvidos por David Belle (JESUS, 2020; VERCCHIOLI, 2017). Dentre esses valores estão a construção de um ser humano mais autônomo, a não competitividade, a busca pelo próprio jeito de se mover, o trabalho em equipe, entre outros. Essas contradições e modificações que a modalidade passou desde sua criação levam a questionamentos como:

- Quais alterações os conceitos e valores pensados inicialmente tiveram no decorrer da prática?

- Existe algum código de regras morais entre os *traceurs* para utilização da cidade?

- Como se dá a transmissão do ensino através da relação *traceur* e cidade?

Dentro deste contexto investigar o Parkour na cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, se fez necessário para entender a história e como ocorreram seus desdobramentos nessa localidade.

Vitória é uma cidade litorânea que abarca diversas atividades corporais ao ar livre, uma delas é o Parkour que se tornou popular agregando novos adeptos. Crianças e adultos de várias faixas etárias começaram a praticar o Parkour pelas ruas, praças, parques e pontos turísticos de Vitória. Lugares como as Escadarias do Palácio Anchieta, Parque Pedra da Cebola, Praia de Camburi, UFES, entre outros espaços, tem se tornado pontos de encontro

para grupos de Parkour realizarem seus treinos e eventos como o Urban Parkour, que é realizado anualmente.

Assim, o objetivo geral desse trabalho foi investigar a história do surgimento e desenvolvimento da prática do Parkour na cidade de Vitória/ES buscando relatar como ocorreu seu surgimento, compreender sua disseminação ao longo dos últimos anos e analisar quais foram os desdobramentos de sua prática.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória. De acordo com Gil (2008, p. 27):

> Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista estruturada (GIL, 2008) com perguntas abertas.

A escolha do entrevistado se pautou por sua experiência e vivência no Parkour. E foi conduzida pelo pesquisador por meiovirtual, via chamada de vídeo e seguiu o seguinte roteiro:

1: Porque você começou a praticar o Parkour?

2: Há quantos anos você pratica o Parkour?

3. Como você definiria o Parkour?

4: Você saberia dizer como ocorreu a chegada do Parkour na grande Vitória/ES?

5. Como vem sendo ensinado o Parkour atualmente em Vitória/ES?

6: Qual a relação entre o praticante de Parkour e a cidade de Vitória/ES?

7: Você percebe alguma alteração nos conceitos e valores pregados por David Belle na prática do Parkour na cidade de Vitória/ES?

8: Existe algum código de regras morais de utilização da cidade para praticar o Parkour?

A entrevista foi transcrita, textualizada, transcriada e enviada ao entrevistado para que ele se pudesse identificar-se com o material.

De forma complementar as informações obtidas por meio da entrevista contaram com o apoio documental do registro de eventos, reportagens, notícias e documentários sobre o Parkour, na cidade de Vitória, e que estavam disponíveis na rede de computadores mundial (internet) relacionando os fatos narrados pelo entrevistado com a documentação.

A partir do cotejamento do que foi levantado na entrevista e nos documentos foram estabelecidas categorias que tratam da história do parkour na cidade de Vitória/Es, os aspectos pedagógicos de seu ensino-aprendizado e o

perfil de seus praticantes. Essas categorias compuseram a parte descritiva da investigação.

Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa da UFES com o parecer consubstanciado no. 4.602.270/2021.

3. O PARKOUR E A CIDADE DE VITÓRIA

O Parkour surge no meio urbano apresentando a cidade como um ambiente fértil para novas descobertas. Prédios, escadarias, praças e monumentos ganham maior percepção e maior significado para os praticantes. O fundador da modalidade, David Belle, percebeu que existiam caminhos nas cidades que precisavam de vida e que as pessoas poderiam, através de um treinamento, utilizar o corpo para transitar por pontos onde a maioria das pessoas nunca se aventurou. Nesse contexto, parece que a cidade se apresenta como um ambiente intrigante para novos formatos de utilização do espaço, isso talvez, tenha tornado a modalidade tão popular em todo mundo. De acordo com Tostes (2017, p. 13) as cidades

> são constructos que estabelecem relações indissociáveis com seu território e com os habitantes que as ocupam. Nesse sentido, destacam-se os espaços públicos urbanos como fundamentais ao atendimento das demandas humanas de convivência e desenvolvimento social, os quais tendem a fomentar as diversas formas possíveis de apropriação do território urbano.

Com o objetivo de desbravar novos moldes arquitetônicos Bradford (2016, p.21) relata por exemplo que os escaladores tentam “[...] se posicionar contra o excesso de regras, prezando sempre pela liberdade de explorar as montanhas de forma autônoma [...]”. Pelo fato do Parkour poder, também, ser praticado no meio natural como florestas, montanhas e praias, isso acaba agregando um maior número de possibilidades para explorar ambientes usando apenas o corpo (PERRIÈRE; BELLE, 2014).

Por volta dos anos 2000 as pessoas não sabiam definir bem o que era o Parkour, essa modalidade era associada com pessoas pulando de prédio em prédio ou cruzando a cidade como se fossem “ninjas urbanos”. Essas aparições midiáticas começaram a incentivar a adesão a essa prática no mundo todo, e, na cidade de Vitória não foi diferente.

Marcelo Monteiro de Oliveira, com idade de 36 anos, mora na cidade de Vitória há 28 anos e nos contou neste trabalho como foi início do Parkour no Espírito Santo, mais especificamente, na sua capital. Ele narra que ocorreu por volta de 2004, tendo a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como principal local de encontro dos primeiros praticantes do estado. Quando perguntado há quanto tempo ele praticava o Parkour, Marcelo respondeu que tinha 15 anos de

envolvimento no Parkour e que a mídia teve forte relação com o seu início.

> Eu lembro que na época os três primeiros filmes que eu vi foram B13[6], antes do B13 já tinham lançado os “Samurais dos tempos modernos” com o grupo Yamakasi, e o segundo (filme) foi “Filhos do vento” com a mesma galera do Yamakasi. E “Cassino Royale” com Sebastian Foucan. Quando alguém perguntava de Parkour. (Se respondia) Há aquela parada lá do filme B13, aquelas camaradas que saem correndo e pulando, tipo aquela movimentação do filme 007. Ou seja, você não explicava o Parkour, você tinha que dar uma referência do que a galera tinha acesso. E acho que isso influenciou muito (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Figura 1 - David Belle em cena do filme B13 -13º Distrito

Fonte: Copyright EuropaCorp Distribution (2004)

Pensando em como a cidade pode proporcionar desafios para os praticantes de Parkour, Vitória/ES, se mostra uma cidade ideal para o desenvolvimento da prática. Um marco importante para a comunidade do Parkour, foi ela ter sido sede, pela primeira vez, do 12º Encontro Brasileiro de Parkour no ano de 2016, com 250 participantes (FOLHA DE VITÓRIA, 2016). As famosas escadarias do Palacio Anchieta, Maria Ortiz e São Diogo que estão situadas no centro da cidade e são patrimônios históricos foram palco desse encontro (GAZETA ONLINE, 2009).

[6] B13 - 13º Distrito é o nome de um filme de ação produzido em 2004, onde David Belle interpreta o protagonista Leito. Durante a trama ele vive em um bairro perigoso e se utiliza de movimentos do Parkour como mecanismo de fuga e ou perseguição (REHBEIN, 2013).

Figura 2 - Escadarias do Palácio Anchieta (Centro de Vitória)

Fonte: Prefeitura de Vitória (2019)

O Urban Parkour é um evento capixaba organizado pelo entrevistado e já teve 9 edições, sendo a primeira em 2009. Tem por objetivo proporcionar a interação entre os praticantes do Parkour e a criação de uma identidade e referências da prática no Espírito Santo (GAZETA ONLINE, 2009).

Figura 3 - *Traceur* em evento do Urban Parkour (Enseada do Suá)

Fonte: Facebook (2019)

Figura 4 - Traceur em evento do Urban Parkour (Ufes)

Fonte: Facebook (2019)

A relação entre os praticantes de Parkour e a cidade, Vitória/ES, se apresenta bastante vantajosa para a prática da modalidade. Por ser uma cidade turística, ela se destaca, não somente por sua beleza panorâmica, mas, por sua configuração espacial. Seu mobiliário urbano[7]; praças, bancos de pedra, muros de vários níveis de altura, casas e prédios, formam um cenário perfeito para os *traceurs*.

De acordo com o entrevistado, Vitória/ES, é sem dúvida, uma das cidades mais privilegiadas, se comparada com outras metrópoles como, São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, pois se mostra mais bem equipada em termos de estrutura e custo-benefício. Vitória/ES com seus prédios, parques e até sua orla marítima tem sido utilizados para o treinamento e socialização da prática.

Em termos de mobilidade urbana é uma cidade privilegiada, em São Paulo por exemplo, os locais de treino geralmente são distantes, isso faz com que a condução de ônibus ou algum outro meio de transporte se torne um mecanismo necessário para acessar os pontos da cidade. Dentro desse contexto, o praticante que possui uma renda baixa reduz a possibilidade de treinar pela cidade com facilidade. Vitória/ES por ter pontos próximos para o desenvolvimento da modalidade

[7] "Mobiliário urbano é o conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nesses elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga". De acordo com o Art. 2º da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 (BRASIL, 2000).

tornam os locais mais acessíveis.

> Hoje principalmente dá para você fazer tudo de bike. De bike você pode treinar de manhã no centro, você pode treinar na mesma manhã duas horas depois na Ufes, você pode treinar na Pedra da Cebola que é em frente, você pode treinar um tirozinho na praia, você pode treinar no Horto de Maruipe. Tudo isso no mesmo dia [...]. A ideia de localização e das partes de Vitória são muitos boas. O centro de Vitória, por exemplo, tem muita estrutura, principalmente, por essa parte urbana. Se eu quero treinar, por exemplo, em um local que tenha arvores e pedras a universidade está aberta para gente (MARCELO MONTEIRO, 2021).

A forma como o meio urbano é projetado se torna um fator essencial para que o Parkour se desenvolva, portanto, a implementação e distribuição de mobiliários urbanos possibilita novas aprendizagens e novos desafios. Pelo fato de os locais estarem distribuídos de uma forma acessível, acaba motivando os praticantes a explorarem novas regiões da cidade, possibilitando em um único dia explorar diferentes pontos. Como o Parkour usa o corpo para se deslocar de um local ao outro, com maior eficiência possível, conhecer rotas inteligentes na cidade se faz necessário para utilizá-las com maestria quando requisitado. Dentro desse contexto, Marcelo relata que a comunidade de praticantes ganhou relevância na cidade, principalmente, pelos eventos realizados, passando a ser conhecidos pela população não praticante. Destaca ainda que, se não fosse esse acesso facilitado vários teriam desistido de treinar.

4. A SISTEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA DO PARKOUR EM VITÓRIA/ES

A fim de compreender as abordagens de ensino do Parkour, e suas referências relativas as práticas corporais vinculadas a área de Educação Física, primeiramente é preciso revisitar suas origens, configuradas no século passado, trazendo debates que se aproximem da modalidade contemporânea.

O Método Natural, fundado por Georges Hebert[8], foi originado do Método Francês de Ginastica[9] idealizado por Francisco Amoros[10]. A proposta de Amoros segundo Santos (2012), era desenvolver um método de treino utilitarista, não dando importância a tudo que fosse recreativo e puramente exibicionista, em se tratando do aspecto movimento corporal. Ainda Santos (2012) destaca que a esportivização, para Hébert, tinha um grande problema que se refletia na educação e na sociedade.

> [...] os corpos estavam perdendo suas referências, não estavam mais situados, tanto geograficamente, por não reconhecer mais o lugar de suas vivências reais e naturais, quanto psicologicamente, por não mais reconhecer-se a si mesmo enquanto corpo que tem identidade. Com o surgimento do esporte não havia mais um lugar natural para a prática corporal ser vivenciada enquanto emoção, alegria, partilha [...] (SANTOS, 2012, p. 81).

O Método Francês de Ginastica e o MN foram métodos de treinamento com fortes traços militares, e com basicamente os mesmos objetivos, sendo eles, “[...] ação metódica de exercícios para o aperfeiçoamento físico; aplicabilidade utilitária de tais exercícios na vida diária; desenvolvimento corporal integral; disciplinarização da força física e consequentemente da força moral [...]” (SANTOS 2012, p. 98).

O MN pensado por Hebert, era essencialmente pedagógico, mas que se apoiava na ciência como forma de aprimoramento. Podemos destacar Georges Demeny, que foi um fisiologista e pedagogo, importante aliado para a construção e disseminação do método (SANTOS, 2012).

Jubé (2019) mostra que a Educação Física pensada através da estrutura pedagógica do MN apresentava ‘’exercícios naturais’’ utilitários para vida, representados como ‘’família dos 10 exercícios’’, que de acordo com Hebert,

---

[8] Georges Hébert foi um oficial da Marinha Francesa, nascido em 1875, e fundador do Método Natural, contribuindo para a reformulação da Educação Física na França (SANTOS, 2012).

[9] Soares (1994, p. 65) afirma que “[...] a partir de 1800 surgiram na Europa, em diferentes regiões, formas de encarar os exercícios físicos. Essas formas receberam o nome de Métodos Ginásticos (ou escolas).

[10] Francisco Amorós foi um professor e militar nascido em 1770, e foi responsável por introduzir a ginastica na França (SANTOS, 2012).

poderiam ser adaptados a qualquer tipo de ambiente, definidos como

> Treinamento sistematizado, podendo ser realizado na infância ou fase adulta, visando desenvolver capacidades físicas de forma geral, resistência orgânica a variações de temperatura (frio e calor), resistência a fadiga, e desenvolvimento de exercícios que sejam naturais e utilitários para a vida (correr, saltar, machar, quadrupedismo, escalar ou trepar, equilibrar, levantar, lançar, defender, nadar).

Figura 5 - Georges Hébert

Fonte: https://methodenaturelle.de/en/

O Parkour se apropriou apenas de algumas dessas capacidades, nas quais podemos destacar a marcha, corrida, salto, quadrupedismo, trepar e equilibrar, além de compartilhar de valores como altruísmo, cooperação e autocontrole (PERRIÈRE; BELLE, 2014).

O MN se tornou um sistema de treino eficiente de preparo físico, como consequência, o corpo de bombeiros parisiense o adotou a partir de 1913, como forma de preparo das brigadas de incêndio. Um combatente chamado Raymond Belle, nascido em 1939 na antiga Indochina, foi educado pelo sistema do MN. Ele se destacou como ginasta e obteve sucesso quando entrou para elite de bombeiros de Paris. Raymond se aperfeiçoou no *Parcours du Combattant* (percurso dos

combatentes), baseado no MN de Hebert, que consistia em um treinamento em circuito para ultrapassagem rápida de obstáculos físicos. Esse tipo de treino focava em desenvolver habilidades de deslocamento em modo furtivo, resistir a dor, desenvolvendo uma resistência não somente física, mas mental e emocional, para construir uma blindagem na estrutura humana como um todo. De acordo com Zeric (2008), Raymond entendia esse tipo de treinamento como

> Uma forma de treinamento para aperfeiçoar o corpo em todas as direções e ambientes, usando o espaço como possibilidade para superar algo e não como impedimento. Estabelecendo ações que sejam uteis, e não transformem o corpo em algo sem utilidade. Um corpo útil pode ajudar a si mesmo, a própria família e outras pessoas que estejam em perigo (ZERIC, 2008).

Figura 6 - Treino militar (percurso dos combatentes na cidade)

Fonte: Zeric (2008)

Figura 7 - Raymond Belle

Fonte: PERRIÈRE; BELLE (2014)

Todo o conhecimento de deslocamento corporal em obstáculos e valores importantes para usar tais técnicas adquirido por Raymond, foi passado para seu filho David, que por sua vez deu início “A arte do Deslocamento”, que ficou conhecido como Parkour, posteriormente. Segundo Perrière e Belle em seu livro “Parkour: From the Origins to the Practice” de 2014, eles falam que o objetivo do Parkour é adaptar-se a todos os tipos de locais para conseguir reagir a todos os tipos de circunstâncias.

A filosofia do Parkour, empregada por David Belle, dita valores como honestidade, respeito, humildade, sacrifício e trabalho duro. Traçando um paralelo com as artes marciais, onde é preciso ter um oponente para um aperfeiçoamento mais real da técnica, no Parkour isso não ocorre, porque a técnica é aperfeiçoada através do próprio obstáculo. O ato conflitante que a competição gera em determinados esportes, prejudicando, por vezes a integridade física dos praticantes, não é tratada na base de princípios do Parkour, pois na sua essência ele não é um modalidade de competição. Assim, a perspectiva do treino do Parkour é quase como um “ritual do movimento”, nos quais são levados em consideração que os aspectos

de construção de si, descoberta e superação dos próprios medos, condições para lidar com caos urbano e suas imperfeições estruturais e se mover para além do objetivo padrão (PERRIÈRE; BELLE, 2014; ROCHA, 2009).

> Originalmente, de fato, como o alpinismo e, ao contrário da dança, o *Parkour* não é um espetáculo e não tem necessidade de um público. Tal característica, porém, muda radicalmente quando o *Parkour* deixa de ser fenômeno de nicho e se torna prática de massa, ou tendência de moda e, portanto, inevitavelmente a realidade na qual se incluem dinâmicas comerciais. Quando, por um motivo ou outro, o *traceur* solitário sai do anonimato e se torna famoso, como aconteceu com David Belle, com Sébastian Foucan e outros, é inevitável que o aspecto ascético do *Parkour* deles se reduza à vantagem da dimensão espetacular e, portanto, midiática (CAMARA, SANTOS, 2017, p. 32).

Figura 8 - David Belle

Fonte: PERRIÈRE; BELLE (2014)

Por volta do ano 1990 ainda não estava bem definido se o Parkour deveria ser considerado com modelo esportivo, recreativo ou uma cultura de rua, não havendo um consenso entre os praticantes iniciais. Na tentativa de resgatar o Parkour como modelo ginástico, a Federação Internacional de Ginastica (FIG) adotou-o como uma de suas modalidades promovendo campeonatos para divulgação desde então. Isso gerou insatisfação entre alguns dos praticantes, entendendo, que os valores do Parkour vão contra promoção de competições e

espetáculos exibicionistas e comerciais (JESUS, 2020; VERCCHIOLI, 2017).

Rocha (2009) defende que o Parkour deve ser útil na vida das pessoas, que elas devem confiar em si mesmas e aprenderem a resolver problemas cotidianos. Dentro dessa perspectiva transformar o Parkour em uma prática competitiva desvirtuaria o propósito na qual foi pensada inicialmente. Marcelo relata que as ideias de Parkour, como prática filosófica, consciência de ambiente e adaptação não terão tanta relevância quando a FIG tornar o Parkour esportivizado em definitivo. Segundo ele, isso ocorrerá porque possibilitará vendê-lo e massificá-lo mais facilmente.

> A associação brasileira de Parkour, tentou ser tão democrática que ela não definia o que ela acreditava que seria o Parkour e a forma que ele deveria ser trabalhado. Ficou tão aberta que ela teve que acabar, porque não se chegava a um consenso. E o que acontece hoje, não se tem um consenso do que é a prática do Parkour ainda. Vai começar agora com a FIG e a esportivização (MARCELO MONTEIRO, 2021).

O fato é que o Parkour não está bem estruturado ainda. As competições, apesar de terem facilitado a visibilidade e a comercialização, tornaram os praticantes rivais, descaracterizando a proposta inicial que era a de não competitividade.

> O que você vê muito é competição, a galera fazendo encontro para praticar. Mas, dificilmente você vê o pessoal sentando-se para debater o Parkour, para discutir a prática do Parkour, para além da movimentação. Isso me deixou meio desanimado com a prática do Parkour, porque eu vejo que o Parkour tem um potencial muito além da movimentação em si, que é uma contribuição social mesmo, uma visão diferente da forma de viver (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Em relação a abordagem de ensino, a maioria dos praticantes, nunca teve um interesse em sistematizar a prática ao longo dos anos. Poucos estiveram envolvidos com o ensino-aprendizado da modalidade. Isso parece ocorrer por conta do nível de formação dos *traceurs*. Pelo fato de o Parkour ainda não estar bem definido, se é uma modalidade esportiva ou não, isso acaba gerando concepções diferentes da modalidade, onde, a maioria tende a desbravar o Parkour de forma empírica, através da experimentação. Assim, o conhecimento adquirido é passado de praticante para praticante. Isso faz com que não haja métodos de ensino sistematizados e todo o conhecimento seja repassado de forma aleatória e intuitiva.

> A galera daqui que é uma galera mais de periferia e por não ter muito uma estruturação a nível de formação. A galera nunca se preocupou, por exemplo, em sistematizar a prática do Parkour ou organizar essa prática. Sempre era mais uma ideia de confraternização (MARCELO MONTEIRO, 2021).

O fato de os praticantes não debaterem sobre o Parkour ou não possuírem uma referência sobre ensino-aprendizado fez com que eles não criassem uma autonomia reflexiva dos valores associados ao Parkour. Também, é possível identificar a diferença no ensino do Parkour, via uma metodologia no âmbito acadêmico da pedagogia do movimento e um ensino empírico sem um embasamento teórico. Quando perguntado ao entrevistado sobre a forma como o Parkour vem sendo ensinado em Vitória/ES, ele relata que, sempre houve a necessidade de desenvolver uma reflexão acerca da pedagogia aplicada a prática, e que raramente era explorada pelos praticantes.

> E aí a gente entra na ideia da pedagogia, ou seja, se você parar para pensar no que você vai falar, pensar no que você vai fazer e a referência que você dá para as outras pessoas'' (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Por não haver um professor ou um mestre (como nas artes marciais e na capoeira) o ensino no Parkour é transmitido por meio de uma socialização democrática, onde todos do grupo podem contribuir tornando a aprendizagem mais dinâmica e criativa. Essa abordagem de ensino, que se faz corpo interagindo com corpo, está presente na capoeira de angola, onde a transmissão do ensino se baseia na experiencia e observação, estando aberta a invenções contributivas para a cultura. Nesse sentido, o "Professor de Parkour" poderia dialogar com a pedagogia do movimento como mediador do conhecimento. Segundo Abib (2006, p. 89) [...] Essa forma de ensinar e aprender guarda muito daquilo que poderíamos chamar de "pedagogia do africano" [...]. Esse tipo de pedagogia, por sua vez, trata de uma educação corporal que se relaciona com ensino-aprendizado que os *traceurs* realizam de acordo com sua vivência cultural.

Ao tratarmos de situações que produzem uma adaptação corporal, os sentidos que apoiam os movimentos executados surgem pela vivência em grupo, e cada pessoa pode contribuir com o que sabe dentro de um jogo de tentativa e erro. O aprender para dominar a técnica, não parte necessariamente de uma estrutura sistêmica e robusta, mas sim de uma combinação de absorver as formas de movimento e a tentativa de reproduzi-las ao seu modo. Rocha (2011) afirma que, inicialmente, o aprendizado se faz apenas por observação e imitação e, posteriormente, esse conhecimento, por intermédio da prática, vai se tornando mais

consistente e sendo apropriado até chegar o momento em que, além de tê-lo na memória, ele passa a fazer parte da própria vida de quem aprendeu, que o usa de acordo com a necessidade, cultivando, preservando e transmitindo-o com consciência.

É pela experimentação do corpo em movimento que se descobre suas potencialidades. Quando buscamos metrificar a estética dos movimentos, reproduzindo técnicas sem uma possibilidade de inovação, restringimos o corpo de recriar seus valores sentidos na cultura.

> [...] é inegável o valor do corpo nos processos de ensino/aprendizagem estabelecidos na tradição. O uso dele para brincar, cantar, ouvir e celebrar é essencial na construção dos conhecimentos necessários à tradição. Ele é, portanto, local de saber em contínuo movimento de recriação, remissão e transformações perenes do corpus cultural [...] (ROCHA, 2011, p. 46).

Marcelo foi um dos raros praticante, desde a chega do Parkour em Vitória, que sempre esteve interessado na parte educacional do Parkour, chegando a cursar Educação Física para melhorar seu conhecimento didático-pedagógico. Esse conhecimento acadêmico atrelado a experiencia empírica adquirida ao longo dos anos, possibilitou-o um maior reconhecimento como professor de Parkour e influenciador na disseminação da modalidade na cidade.

.

> “Tem outra vantagem de eu ter sido um dos precursores aqui na grande Vitória. Porque eu acabei me tornando a referência” (MARCELO MONTEIRO, 2021).

A aproximação do saber científico com essa suposta ‘’arte do deslocamento humano’’, poderia promover diferentes ramificações de debates dentro da Educação Física. Moreno (2018, p. 16) aponta que “[...] atualmente não existe uma formação específica consolidada para ser um professor de Parkour no Brasil [...]”. Isso reforça a necessidade de inserir o Parkour como conteúdo das práticas corporais no âmbito acadêmico, a fim de gerar novos conhecimentos sobre suas ações transformadoras, saberes reflexivos, preparando melhor novos professores que pretender atuar na área.

Segundo Bracht (1999) analisando a proposta de Elenor Kunz[11], o movimento

---

[11] Elenor Kunz é um estudioso da Educação Física que sistematizou a metodologia crítica emancipatória. Além disso, é autor de diversas obras que refletem sobre o ensino-aprendizado de diversos conteúdos nas aulas de Educação Física escolar baseado em pressupostos da escola de

corporal humano é capaz de se comunicar com o ambiente e a pedagogia teria um princípio fundamental nesse contexto, proporcionando o sujeito a capacidade de autocrítica. Dentro dessa perspectiva, a interação entre corpo e espaço é necessária para promover novos estados reflexivos sobre o movimento humano. Nesse sentindo a Educação Física como campo que abarca diferentes saberes científicos, pode ajudar a entender as diferentes demandas pedagógicas dentro das práticas corporais.

Frankfurt (TAFFAREL, MORSCHBACHER, 2013).

5. PRATICANTES DE PARKOUR EM VITÓRIA/ES

O fato de os praticantes terem um perfil mais jovem em Vitória/ES provavelmente, gerou um atraso no desenvolvimento da prática, no sentido de haver poucas inciativas para a construção de uma sistematização e organização do Parkour. A falta de formação e direcionamento não permitiu que o Parkour fosse levado para além da confraternização do “movimentar-se”. Outro ponto em relação ao perfil dos praticantes é que vários vivem nas periferias e possuem um nível socioeconômico baixo. Diante desse panorama o entrevistado relata que fica inviável um jovem, sem instrução acadêmica e com baixa renda financeira, enxergar algo para além da socialização e companheirismo que o Parkour proporciona. Isso deixa pistas para compreendermos o porquê a modalidade em Vitória/ES não obteve tantos adeptos se envolvendo com a construção e perpetuação de uma sistematização voltada para o ensino da prática A partir do momento que muitos deles crescem e criam uma certa maturidade, a maioria se envolve com outras áreas de atuação, acarretando uma redução no número de adeptos que podem se responsabilizar pelo ensino da modalidade.

> A galera que estava com essa visão mais nova não tinha essa preocupação em sistematizar a prática, não tinha essa cabeça mais madura. Então era sempre a ideia de fazer a prática pelo lazer e pelo hobbie (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Quando perguntado se houve alterações nos conceitos e valores pregados por David Belle na prática do Parkour na cidade de Vitória/ES, Marcelo afirma que o fundador não teve uma preocupação de como o Parkour deveria ser direcionado para o mundo.

> O camarada tem todo seu conceito histórico, mas eu acho que ele teve muitas falhas no processo e deixou muitas lacunas abertas e abriu margem para muita gente fazer muita coisa, que eu acho que não cabe para esse conceito central do Parkour, que é, o desenvolvimento do ser, você lidar com o ambiente, lidar com os outros, não só para si mesmo, não só para a movimentação em si (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Quando lidamos com práticas corporais contemporâneas, como o Parkour, é preciso ter um cuidado com seu processo histórico, preservando seus fundamentos pedagógicos, para que não sejam deturpados com o passar dos anos. Além disso, também, se deve compreender, como vem sendo tratados os seus dilemas morais e

sociais. O entrevistado aponta que David Belle sempre tratou o Parkour de forma comercial e que sempre buscou o Parkour para desenvolvimento próprio, não deixando claro que tipo de contribuição social o Parkour deveria representar para o mundo.

> David Belle não tem a obrigatoriedade de ser responsável pela prática, mas ao mesmo tempo que ele se omite e ganha uma responsabilidade nas questões que surgem na vida das outras pessoas. Ele não tem uma obrigação, mas ele tem uma responsabilidade (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Existe uma complexidade que vai ao encontro dos anseios do *traceur,* que seria usar o próprio corpo para sentir o ambiente e traduzi-lo pelo movimento. A cidade nesse caso, acaba se tornando um perfeito cenário de possibilidades. Apesar de ela ofertar esse tipo de experiência é preciso estar atento, as regras que cada local impõe e o tipo de conduta que deve ser estabelecido em cada um deles. Pelo fato de não haver regras explícitas de onde, quando e como treinar, todos os tipos de ambiente se fazem relevantes para novos desafios, cada lugar da cidade pode se tornar um espaço de treino. Quando perguntado se existe algum código de regras morais de utilização da cidade para praticar o Parkour, Marcelo relata que, na tentativa de reconfigurar o sentido dos espaços, cada praticante tem suas particularidades e modo de entender como utilizá-lo. Outro ponto que ele frisa, é em relação a responsabilidade quando tratada coletivamente, é preciso ter consciência que a partir do momento que se aprende algo que possa impactar o coletivo, você passa a ter responsabilidade com esse aprendizado.

> [...] você pode subir nas coisas, você pode subir no telhado, você pode subir na laje. Por quê? Porque você aprendeu e você consegue fazer isso. Mas a questão é, você deve fazer isso? [...] tem pessoas que não desenvolveram essa consciência social e moral ainda [...] (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Marcelo trata de reflexões circunstanciais, onde a relação de uso coletivo do espaço e as normas de conduta devem estar alinhadas. Cada praticante de Parkour, deve entender e cumprir princípios de convivência. No que tange um certo código de regras morais, se entende que todos podem utilizar os espaços públicos para propagar suas manifestações em diferentes dimensões da cultura promovendo ações que sejam integrativas e que reflitam a preservação local (FREITAS, 2005).

A representação do Parkour na sociedade interrompe o que está posto como

padrão, criando novos usos ao mobiliário urbano, e não se restringindo as regras de uso. A liberdade como possibilidade de ação o torna uma contracultura, que se expressa pelas irregularidades da estética urbana. O processo de adaptação dos corpos dentro dos ambientes ajuda a redefinir a complexidade que o ambiente representa, permitindo que as pessoas o vivenciem, para depois estabeleceram suas próprias relações com espaço. Sua ação transformadora possibilita uma experimentação corporal dando novos usos a algo obvio. O traceur precisa se adaptar a todos os tipos de lugares e circunstâncias, é como um jogo de redescobertas, onde o ambiente está posto como desafio e é preciso encontrar seu próprio jeito de confrontá-lo. O Parkour nesse sentido, surge para lidar com a multiplicidade do ambiente urbano e natural, permitindo criar seu próprio caminho, além de, se posicionar contra regras impostas formando sua própria “cultura do mover-se, para adaptar-se”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou traçar a história da prática do Parkour em Vitória/ES, com seu surgimento e desenvolvimento a partir da ótica de um de seus praticantes mais renomados.

De acordo com o depoimento do entrevistado o Parkour surgiu em Vitória/ES no ano de 2004 e teve forte influência midiática em sua prática neste início. Destacando que a comunidade do Parkour na cidade ganhou representatividade após a idealização do evento *Urban Parkour*. Ressaltando, também, que a cidade é privilegiada, pois possui um bom custo-benefício e boa acessibilidade para o desenvolvimento da prática.

Em se tratando da disseminação, ao longo dos últimos anos, a maioria dos *traceurs*, na cidade de Vitória/ES não tiveram um engajamento suficiente para desenvolver uma sistemática sobre abordagens de ensino-aprendizado para uma melhor transmissão da modalidade. Marcelo destaca que os motivos que ocasionaram esse baixo engajamento ocorreram por conta do perfil dos praticantes que eram em sua maioria jovens, com pouca formação em nível acadêmico, baixa condição financeira, além de pensarem e viverem a modalidade apenas como forma de lazer e confraternização.

Vale mencionar que Marcelo deixa um legado do ponto de vista do ensino da prática corporal, se tornando uma referência do Parkour na cidade de Vitória/ES. Entendendo, que ele deixou uma contribuição referente ao fomento de uma sistematização e conscientização social desta cultura que cresceu na rua.

Nesse sentido se faz importante que a Educação Física como campo de estudo do movimento humano sistematizado e das práticas corporais, possa pesquisar outras demandas referentes a abordagens de ensino, cultura e movimento corporal do Parkour, a fim de preparar futuros professores para atuarem melhor na área.

7. REFERÊNCIAS

ABETA, **Associação das empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura**. Disponível em: <http://abeta.tur.br/pt/atividades/arvorismo/> Acesso em: 27 abril. 2021.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Caderno CEDES [online].** 2006, vol.26, n.68, pp.86-98.

EUROPACORP Distribution. In: Adoro cinema. **B13 – 13º Distrito**. 2004. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-93828/fotos/detalhe/?cmediafile=18391230> Acesso em: 03 de maio de 2021.

BARROS, D, F, d. Esportes radicais: o histórico do Le Parkour e as características dos seus praticantes. **Revista da Educación Física y Deporte**. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd199/esportes-radicais-o-historico-do-le parkour.htm. Acesso em: 03 de maio de 2021.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

BRADFORD, Kika. **Manejo de escalada:** manual sobre questões atuais e a produção de um plano de manejo, 2016. Disponível em: <https://wwfbr.awsassets.panda.org/downloads/manejoescala.pdf>. Acesso em: 22 de abril 2021.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade.** Brasilia, DF, 2000, Brasilia, DF, Palacio do Planalto, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf> Acesso em: 03 de maio de 2021. construcoes.ghtml Acesso em: 03 de maio de 2021.

CAMARA, R; SANTOS, F, A. **Urbanidades**: mediações. Brasília : Estereográfica, 2017.

FACEBOOK. **Traceur em evento do Urban Parkour (Enseada do Suá).** 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/ParkourEspiritoSanto/photos/ms.c.eJxFVNuRRSEM6mgnxDz7b2xHvMn5ZRBJQBFmni3VAnjqH8IspKU80vX0D8hjFzCcH1DVLVLemCMdegyFGoZcQEUWsLhH4tgAmvdIV45GCTWWEUEfluMjOgm4jMbB0zjLeE59gFShjx7RdCMQq1FP46xG9WVAfX3QeuEzRg2sjwxcRuLnFHquBjx9AG2PtJ4FQU3uEbX1AVo~;66PO25jNta10Wv1jQG54UqY7bR9quA2jmEvqXAsP~_tjkSpW3~_BpTJ0O3DmYM~_8QyGJTPTgEYbxEZIMgI361T1G1EIcUovxg6aR25oudQozCAcdpvQRnCaadBkOP0MYWBKBuEyUUa~_VY4patbfqn4yg~;m4rmz0Jj1Zyz1AZOtJJOTPMt4S05sUBxuWwgV9iNkNPAeUGw~;0K8fvT6aTrXGaaa80smXPmfZF5UVXFDsMzXl~_DMtAG4sejfW~_gqzDH916AVecc8UF8JqO763~;4KKr8n~_nlhscaXoQ2KMHTpVfBuTt7H9HeQxbIubbJCm~;AN4jfc~_.bps.a.1644578742344940/1644610862341728> Acesso em: 03 de maio de 2021.

FACEBOOK. **Traceur em evento do Urban Parkour (Ufes).** 2019. Disponível em: <

https://www.facebook.com/ParkourEspiritoSanto/photos/ms.c.eJxFktmNRTEIQzsasWP6b2wUeHB~;j4yxQzjMGUCJQEv8jx8oMkY5mdYCNQ9OZj2FjSIGoIBW~_I1YjYIXcL4tWXnAHgDRzyMRbyTKfgCJBiQL3Bt8SanGw1ch4~_HrUSEdDKeYcrHl8HJ2dCzwaNMDWd0lwKso6XJYBUrnCfmiD7AD4W~_LYLsUUSv4klJH9zzA1COal0NEYCTn4f1A~;gGd6HnBuO~_ism1B0eALJjovtlvKtNfSL0c5EvXOude3wtuiHKsgPEWlLGB~;Cqn9Dp7dVuxMhXokaEHMiH0j73Lh6ZdjPPQ8jBvkBnOVBrgcGFM503dKK~_wpy21M99XL0E~_oggPaSe~;jGnIUeaY2W66LTzmlf1bgsME~.bps.a.1644578742344940/1645189895617158>Acesso em: 03 de maio de 2021.

FERNANDES, Alessandra Vieira et al. **Parkour e valores morais**:" ser forte para ser útil". 2015.

FREERUN, Storm, **FULL David Belle Interview – The founder of Parkour and star of District B13**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=myuX_qQATa8&ab_channel=DudduRoch a> Acesso em: 25 de dez. 2020

FREITAS, SCF. Arte, cidade e espaço público: perspectivas estéticas e sociais. **Enecult**, v. 1, p. 9, 2005.

GAZETA ONLINE .**Vitória terá o I Encontro de Le Parkour neste final de semana. 2009.** <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/07/114023-vitoria+tera+o+i+encontro+de+le+parkour+neste+final+de+semana.html >Acesso em: 03 de maio de 2021.

GEORGES Hébert**. Early Years of Méthode Naturelle.** Site methodenaturelle.de/en/ 2015? Acesso em: <https://methodenaturelle.de/history/> Acesso em: 03 de maio de 2021.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, Edna Nascimento de. **Trajetória do processo de Ensino do Parkour na cidade de Natal/RN**. 2020. Dissertação de Mestrado. Brasil.

JUBÉ, Carolina Nascimento. Método Natural de Georges Hébert: princípios e primeiras influências (1905-1914). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** 42, 2020.

LORDÊLLO, Alexandre Francisco. **Abordagem Histórico-crítico do Parkour, seu processo de expansão e Realidade na cidade de Salvador/BA**, 2011.

MEHANNA, Adla. **Desenvolvimento de valores morais, éticos e científicos na educação**. Programa de Desenvolvimento Educacional–PDE. Núcleo Regional de Educação. Curitiba: UFPR, 2008.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Slackline: vivências acadêmicas na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 25, n. 41, p. 223-233, dez. 2013.

Pereira, D. W., Honorato, T.; Auricchio, J. R. Parkour: Do Princípio Filosófico ao Fim Competitivo. **Licere**, 23(1), 134–152, 2020.

PERRIÈRE, Charles.; BELLE, David. **Parkour: Des origines à la pratique**. Ed. Amphora, 2014.

PREFEITURA DE VITÓRIA. **Escadarias do Palácio Anchieta (Centro de Vitória).** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espirito-santo/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-vitoria/viradao-vitoria/noticia/2019/09/27/centro-de-vitoria-une-o-antigo-e-o-moderno-em-suas-ruas-e-> Acesso em: 03 de maio de 2021.

REHBEIN, Igor Felipe Silva. **Proposta metodológica para ensino de parkour**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2013.

REDAÇÃO FOLHAVITÓRIA. **Escadarias do Centro de Vitória se transformam em cenários para prática de Parkour.** 2016. <https://www.folhavitoria.com.br/esportes/noticia/12/2016/escadarias-do-centro-de-vitoria-se-transformam-em-cenarios-para-pratica-de-parkour> Acesso em: 03 de maio de 2021.

ROCHA, Duddu, **David Belle – Eu Salto de Telhado em telhado - 2009.** Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=myuX_qQATa8&ab_channel=DudduRoch a> Acesso em: 27 abril. 2021.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **A pedagogia da tradição**: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. **Paidéia**, 2011.

SANTOS, Edilson Laurentino dos. **A educação do corpo nas décadas de 30 e 40: fragmentos do Método Natural de Georges Hébert na Educação Física Brasileira.** Recife, 2012. 188f.: Dissertação (mestrado) UFPE, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Recife, 2012.

SODRÉ, João Guilherme Hiroshi Higa *et al*. Caracterização do perfil dos praticantes de Slackline no Brasil. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 1, p. 4-12, 2017.

TAFFAREL, Celi Zulke; MORSCHBACHER, Marcia. Crítica a teoria crítico-emancipatória: um diálogo com Elenor Kunz a partir do conceito de emancipação humana. **Corpus et Scientia**, v. 9, n. 1, p. 45-64, 2013.

TOSTES, Taís Rodrigues de Souza. **Territorialidades no espaço público urbano:** uma análise de praças na cidade de Vitória (ES). 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

VERCCHIOLI, D. **Por olimpíada e sem nome Parkour agora e uma modalidade da ginastica.** 2017. <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/05/11/por-olimpiada-e-sem-nome-Parkour-agora-e-uma-modalidade-da-ginastica/ >Acesso em: 03 de maio de 2021.

YAMAKASI. 2015? Disponível em: <https://pontob.com/a-historia-do parkour/#:~:text=Esse%20grupo%20de%20jovens%20amigos,homens%20selvagens%E2%80%9D%20pela%20popula%C3%A7%C3%A3o%20local.>Acesso em: 03 de maio de 2021.

ZERIC. **Raymond Belle.** 2008. Disponível em: <http://parkour.pt/site/artigos/parkour/pt_raymond_belle.html> Acesso em: 03 de maio de 2021.